



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

KEISE BARRETO DA SILVA

**NAS TEIAS DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO:** Uma perspectiva poética da obra *Água da Fonte* de João de Jesus Paes Loureiro

ABAETETUBA – PA

2019

KEISE BARRETO DA SILVA

**NAS TEIAS DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO:** Uma perspectiva poética da obra *Água da Fonte* de João de Jesus Paes Loureiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Orientador: Prof. Dr. Jones Silva Gomes

ABAETETUBA – PA

2019

KEISE BARRETO DA SILVA

**NAS TEIAS DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO:** Uma perspectiva poética da obra *Água da Fonte* de João de Jesus Paes Loureiro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará.

Data da aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. JONES SILVA GOMES

Orientador – UFPA

---

Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz

Avaliador interno – UFPA

---

(Mestrando/PPGCITI) Benedito de Jesus Serrão Rodrigues

Avaliador externo – UFPA

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, meus primeiros professores, por  
todo o amor e dedicação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por tudo o que faz em minha vida.

Agradeço ao meus pais; Sandra Maria André Barreto e Aluísio Costa da Silva, minha querida madrinha Silene André Barreto. Obrigada por sempre estarem ao meu lado e por todo o apoio e incentivo que recebo todos os dias.

Agradeço aos meus colegas de turma pela companhia durante todos esses anos da graduação, não foram anos fáceis. Um obrigado especial a Ivana Sena que me acompanhou nessa jornada desde o início e a Sandra Elynara agradeço pelos momentos passados no período em que fomos colegas de classe. A todos os professores que contribuíram para a minha formação, levarei cada ensinamento repassado para a vida, minha eterna gratidão.

Gostaria de agradecer ao meu honroso orientador, Jones Silva Gomes, por ter acreditado no meu projeto e se disponibilizado com seu tempo e conhecimento para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram nessa jornada direta ou indiretamente. Obrigada pelas orações e palavras de incentivo.

“A cultura amazônica é um manguezal cultural  
de si mesma e do mundo”

(Paes Loureiro)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Água da Fonte*, do escritor paraense João de Jesus Paes Loureiro, embasando a análise, principalmente, nas pesquisas do autor acerca do imaginário amazônico afim de explorar a representatividade da cidade de Abaetetuba na obra e no imaginário. O referencial teórico utilizado para a realização desta pesquisa é baseado nos estudos de Loureiro (2008), Eliade (2002), Tupiassú (2005), Souza (2014), entre outros importantes autores apresentados no decorrer do trabalho. A pesquisa, de caráter qualitativo, fora iniciada pela justificativa da necessidade do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, de proporcionar com maior relevância os estudos sobre a Literatura de Expressão Amazônica em sua grade curricular, uma vez que a instituição se localiza na região do Baixo Tocantins, na Amazônia. O resultado dessa inquietação se transformou nesta monografia, a qual foi construída em três capítulos afim de explanar sobre a poética do autor Paes Loureiro e suas contribuições para a cultura e o imaginário, a presença da literatura na Amazônia de modo regional e universal na propagação da poesia e, por fim, a análise de alguns poemas da obra que fora escolhida para a composição do trabalho.

**Palavras-chave:** Paes Loureiro. Imaginário. Amazônia. Literatura. Poética.

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the work *Água da Fonte*, work of the paraense writer João de Jesus Paes Loureiro, basing the analysis, mainly, in the researches of the author about the Amazonian imagination in order to explore the representativeness of the city of Abaetetuba at work and in the imagination. The theoretical framework used to conduct this research is based on studies of Loureiro (2008), Eliade (2002), Tupiassú (2005), Souza (2014), among other important authors submitted in the course of work. The research of a qualitative nature, was initiated by the justification of the necessity of the course of Letters - Portuguese Language of the Federal University of Pará Campus in Abaetetuba, provide greater relevance of the studies on the Literature of the Amazonian expression in its curriculum, once the institution is located in the region of Baixo Tocantins, in the Amazon. The result of this restlessness turned in this monograph, which was built in three chapters in order to explain about the poetic of the author Paes Loureiro and their contributions to the culture and the imaginary, the presence of literature in the Amazon so regional and universal in the propagation of poetry and, finally, the analysis of some poems of the work that had been chosen for the composition of the work.

**Keywords:** Paes Loureiro. Imaginary. Amazon. Literature. Poetics.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO I: A POÉTICA DE PAES LOUREIRO E OS TRILHOS DO IMAGINÁRIO. ....</b>	<b>14</b>
<b>2.1. Um perpassar pela história do autor: vida e obra.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2. Mitos, lendas e poesia.....</b>	<b>17</b>
<b>3. CAPÍTULO II: A LITERATURA NA AMAZÔNIA: A QUESTÃO DA NARRATIVA REGIONAL OU UNIVERSAL.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1. Caminhos da literatura na Amazônia .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2. Literatura Regional ou Literatura de Expressão Amazônica? .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3. A representação do Baixo Tocantins na literatura: a poética abaetetubense.</b>	<b>25</b>
<b>4. CAPÍTULO III: ÁGUA DA FONTE: ENCANTOS E MEMÓRIAS DE UMA AMAZÔNIA RIBEIRINHA .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1. Abaetetuba, de avião .....</b>	<b>30</b>
<b>4.2. No ar delicioso.....</b>	<b>31</b>
<b>4.3. O igarapé.....</b>	<b>32</b>
<b>4.4. Tocantins .....</b>	<b>33</b>
<b>4.5. Os Artesãos de Miriti .....</b>	<b>34</b>
<b>4.6. Da Colônia vinha .....</b>	<b>36</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

São demasiadas as discussões sobre o imaginário popular amazônico, no entanto tais estudos conseguem alcançar apenas um público furtivo em considerar os leitores da própria região, conferindo a relevância de conhecer a cultura regional que nos cerca. Mundialmente conhecida e noticiada como a Floresta Amazônica, este lugar é, de fato, pouco reconhecido pela sua poética e imaginário. Rica de recursos naturais e cultura popular, a Amazônia também é detentora de grandes escritores e obras de valor singular que conseguem representa-la, por meio da arte e da cultura local.

Com base nas experiências vivenciadas no decorrer do curso de graduação, percebeu-se a necessidade de abordar com maior relevância a literatura regional, uma vez que a instituição de nível superior a qual integro está presente na Amazônia, com um campus localizado na cidade de Abaetetuba, no Baixo Tocantins, formando profissionais que, em sua maioria, desenvolverão trabalhos nesta localidade. Logo, a partir dessa inquietação, a obra literária intitulada *Água da Fonte*, fora eleita para uma análise acerca do imaginário popular e suas contribuições para história popular e para a compreensão dos modos de vida e pensar das populações amazônicas. O foco da pesquisa é direcionado para a importância e contribuição do território do Baixo Tocantins para o imaginário amazônico, este território que é formado por Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia.

Considerando estas diversidades de escritores e obras, de contribuições e paisagens, de valores e modos de vida, julgamos existir pontos em comuns sobre os quais é possível identificarmos alguns temas chaves que se repetem nessas produções da literatura de expressão amazônica – quer seja o imaginário e a oralidade – dois fatores que incidiram bastante nas produções das formas literárias regionais. Neste sentido, fica evidente que muitos escritores nortistas e suas obras merecem reconhecimento, dentre os mais diversos autores da Amazônia, há o paraense João de Jesus Paes Loureiro. Paes Loureiro é um escritor modernista nascido na cidade interiorana de Abaetetuba, nordeste do estado do Pará, é autor de muitas obras literárias que possuem a Amazônia como inspiração, como a obra que aqui será analisada de forma mais detida: *Água da Fonte*.

Diferentes autores, tanto paraenses ou de outros lugares da região Norte quanto de qualquer distinto lugar do Brasil e do mundo, escrevem sobre a Amazônia e ao fazerem isso desenvolvem reflexões que vão para além da ficção, ou seja, alcançam a própria cultura. Desta maneira, resolvemos em primeiro lugar delimitar o autor em função de sua origem

(Abaetetubense) e produção, em segundo lugar delimitamos a obra por se tratar de um modelo de interpretação passível de ser conduzidos pelo imaginário amazônico e de suas muitas vozes.

E o que são este imaginário e esta oralidade?

Segundo o professor e sociólogo Octavio Ianni (2015), a respeito dos escritos do poeta Paes Loureiro, a Amazônia é uma narrativa plural, que combina as figurações reais e os mitos. Contudo, essa se faz rica em interpretações e cultura. O poder do imaginário faz-se sob forte influência da natureza, em especial a presença e o poder dos rios na poética originando mitos e lendas que compõem a região. E assim pelos anos as histórias vão sendo recontadas por gerações e gerações, por vezes combinado outras palavras para essa manifestação oral, mas no final sempre descrevendo a “mesma” história.

Considerando estes aspectos, o presente trabalho se enquadra em um caráter qualitativo desenvolvido através da análise do livro *Água da Fonte*, a fim de descrever o retrato da Amazônia Tocantinense na qual, nesta pesquisa, é representada pela cidade de Abaetetuba, inspiração e protagonista de todos os poemas contidos na obra. Foi feito um levantamento bibliográfico para a materialização da pesquisa, cujo objetivo principal foi encontrar as características do imaginário amazônico que se fazem presente na obra e identificar toda a expressividade literária amazônicas nos escritos que deram origem ao livro *Água da Fonte*, de João de Jesus Paes Loureiro. Os dados foram coletados através da leitura de materiais sobre a Amazônia e o imaginário amazônico, além de materiais que proporcionaram conhecer a fundo a história do Baixo Tocantins, classificando, assim, o trabalho como uma pesquisa descritiva, sob a hipótese de que a obra é parte constituinte do imaginário Amazônico e suas múltiplas vozes.

O primeiro capítulo nos traz o perpasso pela vida do poeta Paes Loureiro e a sua forte ligação com a Amazônia que se concretiza ao leitor por meio de suas obras. De modo particular, o capítulo inicial demonstra um pouco da relevância desta pesquisa que se insere em meio ao problema de não discutir com maior magnitude sobre o imaginário amazônico e, em especial, no distanciamento do estudo poético do Baixo Tocantins, cuja instituição federal de ensino se faz presente em uma cidade situada nesta região. Além da notória pouca valorização da poética de um espaço territorial que é “nosso”, esses foram os principais agentes de inquietude, cujo resultado de tal se deu na realização do presente trabalho.

O segundo capítulo é voltado para a inserção da Amazônia na literatura brasileira e universal. A literatura voltada para o imaginário amazônico nasceu há muitos anos, como

afirma Tupiassú (2005), porém é importante ressaltar que as expressões culturais aqui se fazem presente desde antes da chegada dos europeus que vieram a procura dos recursos naturais da região. Esta busca incessante pelo domínio territorial resultou em longos anos de escravidão dos nativos e imposição cultural europeia.

A Amazônia tornou-se fonte de entusiasmo e fez parte do processo criativo de muitos escritores brasileiros, não somente aos escritores da região Norte do Brasil, que compreende a maior parte da Amazônia, enquanto floresta, no mundo. Mario de Andrade, por exemplo, fora um dos principais escritores brasileiros que muito falou sobre a Amazônia em suas obras, prova disto se faz em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, obra de deveras importância para a literatura brasileira moderna que narra a história de um índio negro nascido em um tribo amazônica, uma história de caráter popular que perpassa sobre a formação do povo brasileiro. Portanto, de tempos passados até o período atual, muito foi escrito poeticamente sobre essa região tão conhecida. O que nos leva a pensar se há uma literatura na Amazônia, algo regional, na qual somente os artistas amazônicos têm propriedade de fala ou se a literatura amazônica é propriedade de todos que se sentem à vontade em expressar sua arte através dela. Ao que podemos entender como narrativas que nos levam dos níveis regionais aos níveis universais.

Seguindo para discussão do modo expressivo da literatura no Baixo Tocantins e qual o seu papel no imaginário amazônico. O sentido da poética de um lugar que abarca tantos municípios ricos, distintos e iguais ao mesmo tempo, que possuem representantes literários de suma importância para a literatura brasileira. Essa representação e forma de expressão é muito presente na obra *Água da Fonte*, uma vez que nos traz a visão do autor Paes Loureiro de uma cidade crescente as margens de um rio, a mais populosa da região tocantina, e com todas as suas especialidades.

O terceiro e último capítulo desta pesquisa é destinado para os resultados da análise da obra de João de Jesus Paes Loureiro que será representada por seis, dentre muitos, poemas contidos no livro *Água da Fonte*. A escolha desses poemas foi baseada pela representatividade da cidade de Abaetetuba e pelo predomínio poético dos rios nas obras de Paes Loureiro. A forma de retratar o imaginário amazônico nesta obra eleita para análise, nos envolve por meio da poesia, em um olhar melancólico pelo o que e como a cidade de Abaetetuba era na percepção do autor no período em que morou na cidade, ainda criança. Logo percebemos, também, as nuances de uma obra escrita por muitos anos após o momento em que este autor em Abaetetuba morou, escrevendo como o resultado de uma memória afetiva passada, uma belíssima obra literária.

Notamos que a região amazônica possui uma pluralidade cultural imensurável que compõe uma só região, a tornando grande não apenas em tamanho territorial e recursos naturais, mas é grandiosa, também, por toda sua diversidade cultural. O imaginário amazônico é composto de todas as peculiaridades de todos os rios, todas as cidades, de tantas comunidades – muitas dessas que nasceram as margens dos rios – e de um povo que junto forma a identidade, arte, cultura e a história da Amazônia.

## 2. CAPÍTULO I: A POÉTICA DE PAES LOUREIRO E OS TRILHOS DO IMAGINÁRIO.

Figura 1 – João de Jesus Paes Loureiro



**Fonte:** Blog do Paes Loureiro, Wordpress

A priori, este capítulo traz um pouco da história do poeta João de Jesus Paes Loureiro – ilustrado na imagem acima – e suas colaborações e suporte para a arte paraense. O primeiro subtópico é destinado somente para as realizações de Paes Loureiro no âmbito acadêmico e artístico, citando suas principais obras premiadas e que o melhor representa na literatura, além de expor suas contribuições enquanto servidor público do estado do Pará.

Logo após, no segundo subtópico deste capítulo, trataremos do papel representativo de Paes Loureiro na cultura amazônica, considerando que o autor possui um subsídio teórico deveras importante, a obra *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. Materializaremos esta parte do capítulo por meio de todos os aparatos teóricos que o autor possui sobre o imaginário da Amazônia e expondo as contribuições de outros autores sobre os assuntos aqui reportados, enfocando nossos estudos principalmente no que concerne mitologia, lendas e a poética de Loureiro sobre este lugar.

### 2.1. Um perpassar pela história do autor: vida e obra

Nascido às margens do rio Tocantins, no município de Abaetetuba, nordeste do estado do Pará, no dia 23 de junho de 1939, João de Jesus Paes Loureiro, ainda criança mudou-se para a capital do estado, Belém. Paes Loureiro é um escritor e poeta modernista de suma importância para a literatura brasileira, além de ainda exercer atividades importantes para a educação, mesmo aposentado Paes Loureiro continua a lecionar como professor voluntário na Universidade Federal do Pará.

A formação acadêmica do autor é composta pela Graduação em Bacharel em Direito (1960 – 1964) e Licenciatura Plena em Letras (1974 – 1976) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestrado em Teoria da Literatura e Semiótica (1970 – 1973) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado em Sociologia da Cultura (1990 – 1994) pela Sorbonne (Paris, França).

Paes Loureiro cumpriu cargo público no estado do Pará como Secretário de Educação nos anos de 1983 a 1988, outrossim fora superintendente da Fundação Tancredo Neves e residente do Instituto de Artes do Pará. Desenvolveu projetos como o Projeto PREAMAR: O Pará e a Expressão Amazônica – Boletim da Fundação Cultural “Tancredo Neves” (1987) e trabalhou para a criação do inventário cultural e turístico do Pará (Funarte/Idesp/secult). Presentemente, é professor voluntário na Universidade Federal do Pará desde 2010 ministrando a disciplina de Cultura Amazônica, Estética e História da Arte. De 2003 a 2009, Paes Loureiro fora professor titular, com o vínculo de servidor público, da referida universidade. No mês de agosto de 2019, Paes Loureiro foi homenageado pela 23ª Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes junto da pesquisadora Zélia Amador de Deus, realizada na capital do estado, Belém.

De renome internacional, João de Jesus Paes Loureiro tem obras com traduções na França, Itália, Japão e Alemanha. A nível nacional, a obra *Altar em chamas*, publicada pela Civilização Brasileira, recebeu o prêmio nacional de poesia da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) no ano de 1984. No ano de 1987 o escritor foi finalista do Prêmio Jabuti por meio do livro *Romance das três flautas*, o qual possui edição tanto em português quanto em alemão. Para mais das obras já citadas, algumas de suas principais obras são: *Cantares Amazônicos*, *Artesão das águas*, *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, *A arte como encantaria da linguagem* e *Água da Fonte*.

As informações citadas acima estão contidas no Currículo *Lattes* de Paes Loureiro, postado na plataforma digital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A vida poética de Paes Loureiro teve início nas suas observações enquanto criança, relatado na obra *Água da fonte* (2008), *corpus* da presente pesquisa, na qual de caráter poético e afetuoso, ele retorna ao passado de maneira melancólica e saudosa. A presença da região amazônica, da Amazônia Tocantina, em especial, se faz explícita ao ser representada pela cidade natal do autor a quem inspira tanta poesia. No livro intitulado *A arte como encantaria da palavra*, Loureiro afirma “Eu recordo, e cedo a fala da memória à voz da adolescência

quando fiz os primeiros versos. Morava aqui em Abaetetuba, cidade onde nasci” (LOUREIRO, 2008, p. 88). Este fragmento mencionado assegura que houve um contato precoce do menino com a poética e, principalmente, a forte ligação com a sua região.

Por meio de experiência vividas, ainda que criança, na cidade de Abaetetuba. João de Jesus Paes Loureiro expõe em *A arte como encantaria da palavra*, o acontecimento que ele próprio presenciou quando criança em um Engenho – característico daquela época – viu o braço de um garoto ser dilacerado em uma moenda, de fato no momento em que ocorreu esse trágico episódio, como uma criança que ainda era, não entendia o porquê daquele acontecimento. Tempos depois, quando já estava ingresso à universidade, o poeta ao lembrar daquele triste acontecimento, o transforma em arte por meio da poesia.

O fato vivenciado por Loureiro tornou-se tema do primeiro poema que por ele fora publicado, intitulado: *Canto angustiado aos plantadores de cana das terras de Abaetetuba*. Abaixo está um excerto do poema:

*“Plantador de cana verde  
das terras de Abaetetuba,  
por que só tu quem trabalha,  
por que teu filho não estuda?  
Plantador de cana verde  
das terras de Abaetetuba?”*

*Teus braços plantam doçuras  
colhem braçadas de dor,  
O sol que te cresta a pele  
doura a praia do Senhor.  
Teus braços plantam doçuras  
colhem braçadas de dor.”*

No decorrer de sua vida e obra, J. J. Paes Loureiro enfoca sua temática teórica e poética na cultura amazônica. A poesia é derivada de tudo o que compõe esse espaço tão rico em recursos naturais e história. Com isso se faz a forte ligação do escritor com o imaginário amazônico e desse modo são gerados reflexões e ensinamentos.

Para compreender a temática abordada pelo escritor paraense e modernista Paes Loureiro, é necessário entender como outros estudiosos o definem. Em *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*, uma das mais importantes e completas obras do autor – a qual originou-se da tese de doutorado do escritor – alguns importantes autores escrevem sobre a poética de Paes Loureiro. Nesse livro procedente da tese de doutorado, a doutora em Filosofia Neize Teixeira (2015) afirma que

Estudar a Amazônia, esforçando-se para compreendê-la a partir de si, é o que hoje se requer dos estudiosos. Isso é o que Paes Loureiro nos oferece no que considero um dos fundamentais, senão o mais original estudo sobre a nossa região.

(TEIXEIRA, 2015)

Não há possibilidade de falar sobre João de Jesus Paes Loureiro e não discorrer sobre a sua poética do imaginário amazônico, poética esta que decorre através dos mitos e lendas configurando-se no real e o irreal e se faz presente e permanente em todas as suas obras. A conexão que há entre o autor e a região é o que gera tantos frutos capazes de retratar de uma maneira hiante a literatura, arte e cultura desta região tão importante para a humanidade.

## **2.2. Mitos, lendas e poesia**

Ao perpassar pela vida e obra do escritor Paes Loureiro, notou-se sua identificação e apreço ao falar com propriedade da Amazônia. A identidade amazônica se faz, em especial, por seus mitos e lendas que fazem parte do imaginário. Neste sentido, Loureiro (2015) designa que o imaginário amazônico é criado através dos seus rios e floresta que derivam de uma imagem poética do lugar. Outros importantes autores trabalham com esse tema, como o folclorista José Coutinho de Oliveira que possui obras que retratam e compõem o imaginário amazônico como em *Lendas amazônicas* (1916) a qual se destina as lendas da região que fazem parte do folclore brasileiro e o resultado de anos de estudos que originaram a obra *Imaginário amazônico* (2007) relatando sobre os enigmas do território e o seu povo.

O caminho construído por toda a história da humanidade se ergueu através do que podemos julgar ser verdade ou mentira, o que nos levar a pensar no mito como a personificação do que não consideramos ser real e, muitas vezes, o avaliamos de acordo com a veracidade atingível dos fatos narrados, ou seja, se o que recebemos como mito está perto da realidade vivenciada. Muitas são as definições de mito. Eliade (2002) define o mito como a narrativa de uma realidade que existiu por meio de histórias sagradas e, até mesmo, as histórias sobrenaturais

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma

realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição

(ELIADE, 2002, p. 11)

Assim, Eliade (2002) define o mito como “modelo exemplar de todas as atividades humanas” capaz de mostrar através de fatos reais o verdadeiro significado da existência humana. Com base nos postulados de Mircea Eliade (2002) em relação ao mito, é evidente a representação do universo através de histórias que indicam uma “direção” a ser seguida no espaço e tempo a qual o indivíduo está inserido. Na perspectiva de Campbell (1997), assim como para Eliade (2002), os mitos compõem o universo e norteiam as significações existenciais humanas através de inspirações das atividades mentais e corporais do homem

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito.

(CAMPBELL, 1998, p. 03-04)

No decorrer das mudanças sociais, o mito também evolui, tentando explicar e orientar o comportamento humano. A Amazônia é detentora de uma imensidão mitológica evolutiva. O mito, muito presente na poética de Paes Loureiro, se instaura para a composição do povo amazônico e a difusão de sua cultura. Imediatamente, como Campbell (1998) cita, todas as “formas sociais e históricas do homem” contribuem para o surgimento e propagação dessa realidade autônoma e essencial para a história da humanidade. O caráter poético do mito é percorrido por Loureiro (2008) como forma de deleite da poesia que o mesmo traz consigo

“A poética do mito deflui de uma dimensão do seu dizer alguma coisa sobre algo sem que, necessariamente, faça algo acontecer. Como tal, constituindo-se esse algo que é narrado como uma finalidade e sem a configuração de um sim (...) o mito, quando oralizado ou transformado em literatura, também não se dirige à provocação de um acontecer, mas ao mistério gozoso da poesia ou ao desfrute desse vago estado de críspação suspensa da alma a que denominamos estética.”

(LOUREIRO, 2008, p.101)

A realidade poética, independente e expressiva dos mitos abrange um aparato de histórias significativas na cultura de um povo. Desse modo, os mitos contribuem para que surjam as lendas, as quais são tomadas como marcas do imaginário amazônico.

As lendas, assim como os mitos, possuem influência direta sob a vida dos povos da Amazônia; são construídas e repassadas ao longo da história, cooperam para o imaginário popular e versam sobre o verdadeiro sentido da vida humana na terra. Muitas lendas exprimem

o significado da natureza, a maioria delas relacionadas aos rios da Amazônia, cheios de sentidos e inspiração de tantos poetas.

A Amazônia é retentora de inúmeras lendas. A Amazônia Tocantina, em especial, é conhecida por essas expressões culturais. Para Pereira (2001) a lenda é uma “Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética”. Segue-se, assim, o imaginário popular como a criação do maravilhoso, do fantástico a partir de tudo aquilo que frisa o encontro do homem com a natureza poética amazônica.

Em Abaetetuba – representante, aqui, do grandioso Baixo Tocantins – duas das lendas mais famosas são: A Boiúna (Cobra Grande) e da Ilha da Pacoca. A lenda da Ilha da Pacoca se resume em uma índia, habitante de uma tribo indígena paraense localizada as margens do rio Tocantins, que se negou a casar com o filho do pajé fazendo com que esse amaldiçoasse a tribo inteira com o afastando das terras e transformando-os em uma ilha. Loureiro (2008) pondera sobre essas duas lendas em seu livro intitulado *A arte como encantaria da linguagem*. Sobre a história da Boiúna, Paes Loureiro nos traz a lenda que é repassada por gerações “A lenda da Boiúna, narrativa fabulosa da Cobra Grande que se transforma em navio iluminado, é a tradução visível do esplendor invisível do rio.” (LOUREIRO, 2008, p. 50)

Ainda assim, percebe-se a contemplação do rio e a forte presença deste no imaginário, uma vez que as lendas podem se encontrar por meio dele, como adiante Loureiro (2008) prossegue com o encontro dessas duas lendas

“Os nascidos em Abaetetuba, no Pará, sabem que ela é também uma cidade encantada. Ou era, antes do processo de desencantamento do mundo ser iniciado também nela, pela explicação racional e pragmática de tudo. Estavam todos certos que, do outro lado do rio que banha a cidade, na Ilha da Pacoca, a Boiúna adormecida no perau submerso em frente à Abaetetuba, às seis horas das tardes de sempre, depois de até lá deslizar sob o silêncio das águas, estendia-se ao longo da praia de alvas areias dessa ilha.”

(LOUREIRO, 2008, p. 51-52)

As lendas percorridas acima conversam entre si por intermédio do rio, assim como tantas outras que estão presentes no vasto imaginário amazônico. Os rios contam histórias, não somente da Boiúna ou da Ilha da Pacoca, mas também de tantas outras lendas que o tem como uma real finalidade. Outras histórias são contadas através dos rios; o Boto, a Iara e toda a vida ribeirinha dos habitantes da região amazônica. Quando tratamos de mitos e lendas, de maneira contígua adentramos na poética de Paes Loureiro, este que sempre introduz em seus trabalhos,

de modo claro e objetivo ou, até mesmo, de modo subjetivo, a poética do mito e a realização das lendas.

Para compreendermos a realização poética de Loureiro, precisamos saber o que é poesia. A poesia é, para Chklovski (1976) “uma maneira particular de pensar, a saber um pensamento por imagens”. A partir desta afirmação, podemos criar um paralelo entre a particularidade do pensar poético por meio de imagens que V. Chklovski cita e a poética do imaginário amazônico de Paes Loureiro, ao passo que o pensamento poético do escritor paraense é derivado da Amazônia, revelada, aqui, como a imagem que origina a poesia.

Os pilares poéticos da Amazônia se dão pelo rico imaginário da região que é repassado por gerações. Entende-se a poesia como a arte que está presente desde a Antiguidade Clássica com os filósofos gregos, tomando como exemplo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) que ainda contribui para a poética por meio de seus postulados; perpassando pela Idade Média, com a forte presença trovadoresca; o modernismo, a sua revolução nas artes, com evidencia a semana de arte moderna de 1922 e suas vertentes pós-modernistas até chegar a literatura contemporânea, a qual estamos vivenciando. O imaginário e a poesia se encontram em meio a toda arte e se completam, portanto, os mitos e as lendas são a concretização poética do imaginário

“Pode-se dizer que, pelo mito, as pessoas sentem que algo existe, enquanto que, pela poesia, elas sentem a sua própria existência. Instaurando o mito na palavra, a poesia instaura o ser do mito nessa palavra. Intermediação entre o poeta e a coletividade, a poesia, na conjunção dos signos do poema, vibra pela expressão da alma do poeta, dialogando com a alma recriadora de quem lê.”

(LOUREIRO, 2008, p. 154)

Paes Loureiro possui e capacidade de modelar a poesia, o mito e as lendas para que juntos consigam propagar uma mensagem intensa e significativa por meio da linguagem poética. Essa linguagem amena e delicada ao falar sobre os encantos amazônicos é usada por Loureiro (2009) para a criação do poema que, segundo o próprio autor, é a forma de expressão poética considerada privilegiada e essencial. A contemplação da poética é o poema, esse que dá a forma e a expressão da poesia. E, um lugar espetacular e cheio de histórias, como a Amazônia, precisa ser conhecido, também, por seu imaginário poético.

### **3. CAPÍTULO II: A LITERATURA NA AMAZÔNIA: A QUESTÃO DA NARRATIVA REGIONAL OU UNIVERSAL**

Este capítulo segue pelos caminhos da literatura na Amazônia. O primeiro subtópico do segundo capítulo nos revela a importância de ter e de fazer literatura na região amazônica mesmo com tantas dificuldades encontradas para o desenvolvimento desta arte desde séculos passados até os dias atuais. Nos reportaremos ao passado, no período literário lusitano, como Tupiassú (2005) postula e discorreremos sobre esses caminhos da literatura nessa região. A literatura é contínua e sua busca por renovação é incessante.

O segundo subtópico alcança, neste capítulo, uma discussão importante sobre o cenário no qual a literatura de expressão amazônica se encontra, buscando feitos que nos remetem a relação da universalização da literatura produzida nesta região. De modo geral, para que possamos perceber a importância do expressionismo e qual o protagonismo da Amazônia na arte, em particular na literatura, tanto regional – expondo suas características próprias – quanto universal, posto que a literatura consegue se propagar no mundo todo.

Ao buscar especificar a regionalização, adentramos nas especificações dos territórios componentes desse imenso lugar chamado Amazônia. Portanto, podemos ponderar sobre o importante papel do Baixo Tocantins, tendo aqui como representante a sua Pérola, a cidade de Abaetetuba. Sendo assim, o terceiro e último subtópico deste capítulo se destina a apresentação do Baixo Tocantins com suas características territoriais e artísticas, sempre buscando transparecer, em diálogo com o texto, suas contribuições para o imaginário.

#### **3.1. Caminhos da literatura na Amazônia**

Para compreendermos qual a relevância da literatura na Amazônia, sua importância e contribuições para as outras partes do Brasil e do mundo, é necessário que haja a internalização de como se deu o processo de exposição de toda arte literária presente nessa região.

Em relação ao começo da história literária e perpassando por esses anos de história até os dias atuais, Tupiassú (2005) disserta sobre os momentos da literatura na Amazônia desde a literatura lusitana, que teve início na época da colonização, passando pelo pós modernismo até, por fim, chegar em como a própria autora define “literatura de até agora” o que conhecemos como a literatura contemporânea. Foi a partir do século XIX que os trabalhos literários na Amazônia e sobre a Amazônia começaram a ganhar visibilidade, principalmente, em outras regiões do país. O estado do Pará, em especial, largou a frente junto com outros estados da

região norte, como o estado do Amazonas, na condição de produtores ativos de conteúdos literários daquela época.

Muito da ficção e da poesia que se produziu a partir do século XIX, sobretudo nos estados do Pará e Amazonas – sobre as quais mais me reporto agora – deixam entrever a Amazônia que restou àquelas investidas, uma Amazônia usurpada, que prossegue até hoje seu curso de degradação, que se mantém ao largo de programas governamentais conseqüentes e de projetos consistentes de salvação o que urge livrar às novas sanhas colonizadoras.

(TUPIASSÚ, 2005)

Por meio dos postulados de Tupiassú (2005) percebemos que a arte literária da Amazônia, desde o século XIX, possui grandiosas contribuições de autores propriamente amazônicos que viveram e vivem – autores ainda em atividade, como o próprio Paes Loureiro, e autores que começam a aparecer agora no cenário literário amazônico – a realidade local e falam sobre essa realidade. A forma de tratar a Amazônia como bem comum e preservá-la para que ainda haja arte nesse local, se mantém desde o começo após os europeus a deixarem devastada por causa da retirada de tantos bens naturais e por longos anos de maus-tratos aos nativos com suas imposições descabidas a eles de uma cultura totalmente diferente.

Muitos autores representam a Amazônia por meio do romance e da poesia, sempre à exaltando pelo imaginário, cultura e seu importante papel na formação identitária de seu povo. A termo de exemplificação de alguns autores precursores da literatura na Amazônia, temos escritores renomados nacional e internacionalmente, como o romancista paraense Inglês de Souza, Dalcídio Jurandir, Haroldo Maranhão e José Eustáquio de Azevedo. Este último autor citado acima possui um papel importantíssimo na defesa da poesia amazônica e seus criadores. Em 1904 José Eustáquio de Azevedo publicou a obra *Antologia Amazônica* na qual Azevedo (1918) relata sua indignação pelo não reconhecimento dos poetas da Amazônia na obra de Alexandre José de Mello Moraes Filho, autor de *Poetas brasileiros contemporâneos*.

O ilustre escritor [Mello Moraes Filho] parece que desconhece os poetas da Amazônia, muitos dos quais de real merecimento e dignos de serem citados: não os menciona. Se a omissão foi por ignorância ela é censurável num escritor como o sr. Mello Moraes Filho, que tem procurado estudar e conhecer homens de letras de seus país, publicando antologias; se ela foi proposital, mais censurável se torna ainda, pois que revela da parte do investigador uma espécie de ojeriza pelos literatos do Norte que não vivem no Sul...

(AZEVEDO, 1918, p. 13)

Mesmo com a maior visibilidade para a literatura que surge e que sai da Amazônia, ainda podemos encontrar certa desvalorização em relação a arte produzida aqui na região, desvalorização esta, até mesmo feita por uma parcela do próprio povo amazônico que busca suas realizações literárias em conteúdos produzidos em lugares nos quais a realidade é

totalmente diferente da qual estamos habituados. Desse modo, ao buscar somente a admiração por outros espaços, muitos acabam por desconhecer a história do lugar onde vive e tudo o que há em sua volta e busca, assim, conhecer e exaltar aquilo que não faz parte da sua própria cultura e da sua formação histórica.

Para alcançarmos a proporção dessa pouca valorização, basta que possamos perceber o que acontece ao redor do país em relação a literatura, de modo que os romances de época ambientados na Inglaterra, Portugal e Espanha, por exemplo, fazem bem mais sucesso entre os brasileiros dos que os romances de época ambientados no Brasil, em especial aqueles que retratam a região amazônica, e tudo isso é um retrato da cultura da valorização do que é imposto pela maioria dominante, e isso é herança de séculos atrás deixada por aqueles que nos colonizaram.

### **3.2. Literatura Regional ou Literatura de Expressão Amazônica?**

A literatura brasileira é composta por muitas obras de cunho regional. O regionalismo, contudo, possui maior representatividade em toda parte do Brasil por causa da literatura sertaneja, com o foco principal no Nordeste e os modos de vida local que nos revelam a cultura do povo do sertão. Não obstante, é comum nos remetermos a literatura nordestina quando o assunto em foco é a arte literária regionalista.

Para Antônio Candido (2000), o papel do regionalismo na literatura brasileira é a representação de um modo de vida particular, cujo o tema principal é a vida nos lugares mais afastados do país, por vezes desconhecidos pela população das grandes e principais cidades brasileiras. Candido pondera que a narrativa regionalista surgiu juntamente com o romantismo no Brasil, século XIX, mesmo que os maiores destaques da época fossem as obras que retratassem o cotidiano mais urbano com um cenário romântico e idealizado. Este cotidiano urbano, em seguida, se tornou de modo mais intenso no período realista, agora sem a carga melancólica do romantismo. Lembrando que o realismo dominou a literatura brasileira ainda no século XIX, após o advento das gerações românticas.

Levando em conta os traços característicos do Romantismo (no sentido extenso mencionado acima), o “normal” seria que a narrativa regionalista tivesse tido o seu período áureo no século XIX e decaísse no século XX, à medida que o discurso literário tendia a se universalizar e a trocar a representação do mundo pela criação de universos verbais autônomos. No entanto, deu-se o oposto, pois a maior obra de cunho regional da narrativa brasileira, a de Guimarães Rosa, apareceu em meados do século XX, quando o regionalismo era geralmente considerado uma tendência superada, por ser comprometida com o pitoresco e um exotismo interno que contrariava a universalidade do discurso.

(CANDIDO, 2012, p. 110)

A primeira geração romântica fora marcada por seu caráter indianista e nacionalista, o que espontaneamente pode ser confundido com o regionalismo, uma vez que ambas conseguem se ajustar às particularidades de um determinado local. Nos casos, em especial, da primeira geração romântica que se remetem aos temas nacionais e a terceira geração com evidências abolicionistas, as duas possuíam o Brasil e os acontecimentos que o envolviam na época como inspiração literária; desde a chegada dos europeus a essas terras até a denúncia da situação dos escravos que aqui habitavam.

Desse modo, portanto, é mais fácil nos atentarmos e priorizarmos o que se faz comum a todos, em todas as regiões, como os fatos comuns que ocorriam no país naquele momento histórico. Logo, compartilhar de uma literatura nacionalista é, de fato, mais simples do que partilhar de algo particular que nos remete uma região característica, desconhecida pela maioria dos leitores de lugares distintos de um mesmo país.

Mesmo com a abrangência de muitos leitores de diversas regiões do Brasil, consumindo a literatura da sua própria região e de outras também, ainda há o rótulo de que a literatura regional é apenas destinada para as produções nordestinas e/ou representada por autores nordestinos que escrevem sobre essa região particular. É indispensável que seja feita essa desmistificação, mesmo que Souza (2014) afirme que o regionalismo seja “uma invenção nordestina, um rótulo geográfico e ideológico” que se fundamentou para contestar o monopólio artístico de São Paulo e Rio de Janeiro, fazendo com que os próprios sulistas denominassem essa expressão artística como regional.

Porém, se a literatura brasileira abrange conglomeradas manifestações literárias de todas as partes do país, tratamos como um modo de organização das especificidades regionais, assim podemos complementar que cada região possui um modo de manifestação literária característico. A região Norte, por exemplo, pertencente a região Amazônica e assim como as demais regiões do Brasil, produz uma literatura que retrata a cultura do seu povo, principalmente por meio do imaginário popular com os mitos e as lendas. Prova disto se dá pelas produções de Paes Loureiro, autor de excessiva importância para este trabalho.

Todos os estados que compõem a região Norte do país, integram a região geoeconômica da Amazônia. Desse modo, esses estados se tornam fundamentais para o enriquecimento da cultura e arte local. Entre os mais famosos representantes se encontra o estado do Pará, onde nasceram, viveram e vivem importantíssimos autores com contribuições admiráveis para a

literatura brasileira. Dalcídio Jurandir é um exemplo desses magníficos representantes literários paraenses.

Adentramos agora em uma discussão postulada no trabalho de Bezerra (2011), acerca dos rumos artísticos na/da Amazônia:

1) devemos entender que as produções culturais na região amazônica não estão apenas ligadas à ideia de uma cultura letrada, das belas letras, das belas artes, buscando sempre elementos universalizantes, mas que as culturas amazônicas e, portanto, a sua produção e recepção artística são híbridas. Além disso, 2) é necessário ampliar as ações para a formação de um público leitor desta literatura, por acreditar que temos os elementos do sistema literário produção, produto e tradição com mais força do que a recepção.

(BEZERRA, 2011, p. 3)

A literatura de expressão amazônica, contudo, faz parte da produção cultural e artística da Amazônia. O assertivo acima mostra a capacidade de propagação que a literatura produzida no âmbito regional possui, porém, essa passagem para o desenvolvimento artístico regional esbarra na formação dos leitores da região.

“a tradição entre os autores da literatura brasileira de expressão amazônica existe, pois este grupo de produtores artísticos criou entre si essa continuidade literária. E, também, que as obras dialogam entre si, porque os seus autores estão interligados. Mas, destaca-se a necessidade de expansão do grupo dos leitores/receptores.”

(BEZERRA, 2011, p. 4)

Certamente há um longo caminho a ser percorrido até conseguir expandir esse grupo de leitores, mas o fato de sabermos que muitos receptores estabelecem uma ligação e valorização da arte local, comprova o desenvolvimento da literatura produzida na Amazônia e sobre a Amazônia. E, se temos literatura sendo produzida nesta parte do país, que trata de assuntos do cotidiano local e que expressa por meio da arte a cultura e identidade da Amazônia e seu povo, entendemos que, de fato, aqui se produz literatura para o enriquecimento regional e universal. Em suma, percebemos que a literatura é universal, visto que atinge todos as localidades do mundo, mas se tratando de literatura de expressão amazônica, percebemos a regionalidade aparente.

### **3.3. A representação do Baixo Tocantins na literatura: a poética abaetetubense**

O Baixo Tocantins é uma importante região do estado do Pará que abrange 11 municípios, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Territorial (2015), são eles: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia. Tanto no âmbito territorial quanto no âmbito literário, o Baixo Tocantins possui riquezas e singularidades que muito contribuem para o crescimento e progresso artístico e cultural do norte do Brasil.

A região recebe um destaque especial pelo modo de vida ribeirinho das cidades; os rios ainda possuem uma forte influência no modo de vida das pessoas, seguem como fonte primordial para o desenvolvimento das cidades que crescem às suas margens. Bem como os encantos das águas e as histórias que os rios contam, são fontes poéticas para os escritores da região e fazem parte do rico imaginário da Amazônia.

Um olhar especial para a cidade de Abaetetuba, um dos principais municípios desta região tocantina, nos expõe a diversidade cultural inserida no contexto amazônico. Mesmo com as mudanças advindas da modernidade, de um certo distanciamento populacional das zonas rurais, em especial dos jovens, é possível nos depararmos com a presença constante das narrativas orais herdadas, principalmente, dos moradores das ilhas da cidade. São histórias da identidade de um povo que emana arte e resistência.

“Abaetetuba é fonte de inspiração e berço da imaginação social de poetas e outros artistas, lugar de experiências estéticas por excelência, que, por sua vez, geram imagens, linguagens, símbolos sociais, elementos do imaginário urbano e rural. A arte poética surge da interação entre os indivíduos, a coletividade e a natureza mítica, mística e converte-se numa dessas forças sociais geradas no imaginário, fazendo nascer muitas Abaetetubas.”

(GOMES, 2014, p. 46)

A vida com raízes interioranas, ribeirinhas, é retratada por meio da arte literária que podem ser encontradas nas obras de Jorge Machado.

Jorge Machado é um dos mais célebres escritores abaetetubenses que narra sobre Abaetetuba de maneira prioritária e singular. Uma obra em especial, cujo nome intitulado é *Mater Puríssima: Histórias da festa de Conceição em Abaeté do Tocantins* (2014), tece lindos contos sobre a festa religiosa mais antiga e conhecida do município. A obra *Mater Puríssima* fora a ganhadora do Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura – 2012, reconhecimento esperado e desejado por autores que desta terra surgem.

As narrativas poéticas sobre Abaetetuba, mesmo que singulares ao modo de cada autor se cruzam em meio à cultura e a identidade de um povo com tantas particularidades. Façamos comparações entre o trecho de narrativas do livro *Mater Puríssima*, de Jorge Machado e *Abaetetuba Conta...*, da série de narrativas intitulada *Pará conta...*, copilado de narrativas literárias sobre a cidade de Abaetetuba feita por Maria do Socorro Simões e Christophe Gold.

A priori será exposto um trecho do conto “No céu, no céu”, de Jorge Machado.

“Da Ilha do Capim vinham notícias assustadoras. Um rio que amanhecera branco-leitoso de repente, palmeiras que morriam lá em cima, ficando com o tronco espetado

na terra feito palito, um estranho amargor na boca depois de comer o peixe, sangrias misteriosas pela manhã no nariz das crianças... Para tudo, no entanto, haveria de se achar uma explicação. Ora o diabo, ora uma praga de vizinho, ora um pajé poderoso das cabeceiras do rio da Prata.”

(MACHADO, 2014, p. 152)

Agora, vejamos um trecho do conto “Navio”, presente na obra *Abaetetuba conta...*

“Rês à água, o significado daquele navio era um tacho com quatro velas acesas, mas quando a gente levantava, era aí um navio, né? Fomos, fomos, vamos dizer, aí, o navio foi embora. Foi baixando. Passou da boca do Tucumanduba para baixo. Realmente uma visão que foi apreciada com a gente, moleque, até a boca do Maracapucu.”

(SIMÕES; GOLDBER, 1995, p.97)

Em dois trechos de histórias totalmente distintas, encontramos uma interseção que as colocam em um mesmo conjunto. Enquanto o conto “No céu, no céu” narra a modernização da cidade de Abaetetuba e o certo distanciamento dos costumes e preservações antigas, “Navio” narra o encontro com o hodierno que em dias atuais, como na época citada em “No céu, no céu”, não causaria tanto espanto e beleza, a vista da magnitude de um navio que passava pelos rios. Mesmo com essas distantes ligações entre os contos, percebemos que ele se encontra pelos rios que fazem parte dessa imensa Amazônia, dos rios que compõem esse rico imaginário que perpetua por gerações nesta região, mesmo que no agora seja um pouco esquecida.

Maria do Monte Serrat, outra importante escritora abaaetetubense, que escreve sobre o cotidiano dessa cidade tão amada e sobre a Amazônia enquanto abarcadora de tanta cultura. De fato, nos escritos sobre Abaetetuba, principalmente naqueles feitos por autores da cidade, percebemos a delicadeza e o sentimento repassado pelas palavras, bem como o modo de representar características que só aqueles que nela vivem e viveram, sabem compartilhar com o leitor. A presença e a exaltação da natureza que embala a poética amazônica, também se fazem presente em suas obras.

“O céu era um manto tingido de vivas cores, inundando de luzes, festejando a vida: a vida que acordava nas matas, nos barcos que enfeitavam a baía e nos pobres casebres espalhados por toda a sua orla.”

(SERRAT, 2011, p.121)

Em Abaetetuba há muitas manifestações literárias que se manifestam, principalmente, pela oralidade; as diversas vozes que carregam consigo histórias. A modo de exemplificação, Nazaré Lobato (1996) postula sobre esta marca presente no imaginário e que conduz a alastramento de tudo o que o completa, a oralidade. Entre tantos autores que fazem a literatura regional amazônica e que possuem Abaetetuba como inspiração, há a escritora Neuza Rodrigues (2002). Em *Artesão dos Sonhos* nos deparamos com a história de amor de

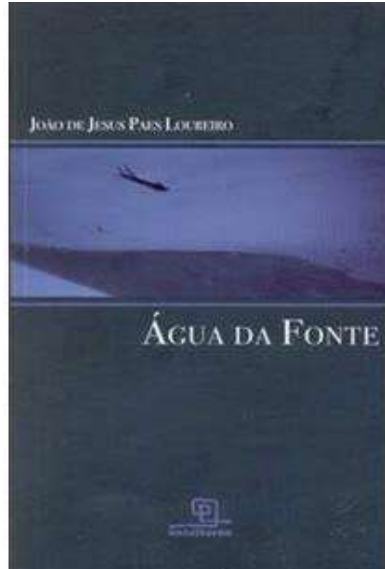
personagens tipicamente abaetetubenses; um artesão e uma ribeirinha, Rodrigues (2002) conseguiu descrever de modo singelo e delicado uma tragédia com uma linguagem tão simples e peculiar de nossa região.

Se a literatura é universal, então o fazer literário sobre uma determinada localidade do mundo não se restringe apenas aos escritores que nasceram e cresceram em uma região. Daniel Leite (2013), autor de *Girândolas*, não nasceu na região amazônica, mas mudou-se ainda criança, bem como não morou em Abaetetuba, mas as suas frequentes visitas à cidade resultaram em uma obra literária magnífica. O romance de Daniel Leite possui fortes ligações com o artesanato de miriti, o modo de vida ribeirinho, a presença constante da religião marcada pelo Círio da Conceição; são marcas históricas da cidade de Abaetetuba que se transformam em literatura.

A literatura de expressão amazônica e a representação do Baixo Tocantins na mesma é a prova dessa universalização que vai além do contexto regional, é a literatura produzida em pequenas localidades que tem a capacidade de alcançar patamares literários não imaginados para o tamanho territorial que ocupa. O modo de contar histórias que retratam as características de um lugar é o faz Abaetetuba ser o contínuo da literatura não só no Baixo Tocantins ou mesmo no Pará, mas sim na Amazônia como um todo. Em aproximação com as demais cidades do Baixo Tocantins, do estado do Pará e as que se distribuem pela região Norte são combustível para a cultura, poética e imaginário amazônico.

#### 4. CAPÍTULO III: ÁGUA DA FONTE: ENCANTOS E MEMÓRIAS DE UMA AMAZÔNIA RIBEIRINHA

Figura 2 – Capa do livro *Água da Fonte*



**Fonte:** Livraria da Travessa

No último capítulo deste trabalho é feita a análise da obra *Água da Fonte* – capa da obra ilustrada na imagem acima – do escritor paraense João de Jesus Paes Loureiro. O livro é composto por uma coleção de poemas que representam as singularidades da Amazônia, em especial uma parte desta região representada pela cidade de Abaetetuba, no Baixo Tocantins. Assim, memórias afetuosas de um lugar e de um modo de viver são demonstradas em versos e rimas. A escolha, em especial, desta obra para modo de análise, fora sua relação íntima com a cidade de Abaetetuba, a qual é cidade natal do poeta Paes Loureiro.

Desta maneira, escolhi seis poemas que serviram como *corpus* para a análise, são eles (respectivamente analisados): Abaetetuba, de avião; No ar delicioso; O igarapé; Tocantins; Os Artesão de Miriti; Da Colônia vinha. Para que fosse realizada a análise da estrutura estética dos poemas, decidiu-se manter sua forma tal como está no livro, para que o leitor possa ter maior aproximação com os poemas da mesma maneira que se encontram no livro.

Todos os poemas aqui analisados possuem relação direta e característica entre as causas que justificaram a criação desse projeto, principalmente o fazer poético de Loureiro e a forte relação do autor com a Amazônia, da qual fazemos parte e prezamos pela preservação física e cultural, conectando-se aos motivos pessoais enquanto discente que resultaram na pesquisa. A cidade de Abaetetuba está representada em cada palavra e em cada verso dos poemas do livro *Água da fonte*.

#### 4.1. Abaetetuba, de avião

O primeiro poema escolhido para a análise é intitulado *Abaetetuba, de Avião*. Este é o poema que inicia a obra e possui destaque especial por citar lugares importantes do município, histórias, lendas e pessoas conhecidas pelos habitantes e de importância grandiosa para a cidade de Abaetetuba e a cultura local.

*ABAETETUBA, DE AVIÃO*

*Os espelhos verdes paralelos*

*e, entre eles,*

*os anelos*

*o escaravelho, o outrora...*

*A lesma do sempre*

*soletrando-se*

*viscosissimamente...*

*Ali a praia de Beja. Ali*

*desinocências.*

*Ali a Ponte Grande.*

*Ali o Velho Camões, a Igreja, O Lobisomem.*

*Ali Joaceli, Brígida, as maninhas. Ali o tempo*

*a mergulhar no rio, O Boto arisco. Ali prazeres,*

*bubuiar nas águas, sonhos. Adão ali adolescente*

*na fileira ávida de Laura (o pênis verga erguendo*

*as velas do prazer mal bordejado...)* Ali

*as Pastorinhas, O Tio Miguel, a Nina Abreu.*

*O cemitério ali, o deletério medo*

*ante ao eterno. Ali o Grupo Escolar.*

*Ali a poesia.*

*Ali a vida, igarapé-oceano,*

*com palavras de amor boiando em preamares*

*eu-mesmo a pescar*

*entre piabas*

*as sílabas do ser, a eterna fala...*

A estruturação do poema *Abaetetuba, de avião* é feita por 2 (duas) estrofes e 25 (vinte e cinco) versos. A primeira estrofe é considerada septilha, pois comporta 7 (sete) versos. A segunda e última estrofe é considerada irregular, pois é composta por 18 (dezoito) versos, ou seja, toda estrofe composta por mais de 10 (dez) versos é considerada irregular.

No poema se faz presente a imagem da Praia de Beja, e como esquecer? Um lugar tão conhecido pelos moradores dessa cidade, o outro distrito que forma a cidade de Abaetetuba, lugar onde a cidade de Abaetetuba nasceu, um local importante e que merece esse reconhecimento, assim como tantos outros ambientes que fazem parte da história de Abaetetuba.

O Boto, também citado no poema, nos remete a esse imaginário que é contínuo por gerações. A tão conhecida lenda que envolve os rios amazônicos e faz parte da cultura de um povo, não seria diferente no Baixo Tocantins. A presença da figura mítica e lendária do boto se faz presente no imaginário popular da região, o animal aquático com o poder de se transformar em humano e encantar as moças que por ele ficam apaixonadas. Percebamos nesta lenda que percorre toda a Amazônia, a presença constante dos rios e as encantarias que dele resultam e se propagam.

Outra importante figura abaaetetubense presente neste poema, uma pessoa, hoje não mais em vida, é a artesã Nina Abreu. Mulher artesão, popular no município por ser uma grande defensora da arte local e pelos seus brinquedos de miriti que encantavam crianças e adultos. Temos aqui a compleição do brinquedo de Miriti, arte de maior representação da cidade.

O poema *Abaetetuba, de avião* se refere ao lugar visto de cima pelo autor. A imagem que o mesmo cultivava de uma cidade ribeirinha simples e mais calma. Mas os tempos mudam, a Abaetetuba dos tempos hodiernos já não é mais a calmaria de décadas atrás. No entanto, ainda percebemos os traços de uma cidade que nasce e cresce as margens de um rio e que possui os rios como fonte de subsistência.

#### **4.2. No ar delicioso**

O segundo poema escolhido para análise recebe o título de *No ar delicioso*. Este poema fora escolhido pois revela uma memória particular do autor em relação ao lugar em que vivia.

##### *NO AR DELICIOSO*

*No ar delicioso das manhãs chegávamos à escolinha  
no quintal da professora Sizica. A mesa em que*

*estudávamos ficava entre mangueiras, limoeiros, goiabeiras. Borboletas revoavam, no abrir e fechar de asas, como livrinhos. Substantivos brotavam por entre folhas. Floriam pela grama adjetivos. Pendiam frutos do verbo pelos galhos. Galos ciscavam sílabas no chão, nas escrituras da chuva pelo inverno ou cadernos de desenho do verão. E usando a caixa de lápis do arco-íris coloríamos sonhos e poemas copiados pela vida inteira.*

A estrutura desse poema é composta por uma só estrofe de 11 (onze) versos, o tornando, assim, um poema com estrofe irregular.

O segundo poema eleito para análise retrata uma lembrança pessoal do autor. Neste poema ele descreve como eram os dias de aula em uma escola, intimamente chamada de “escolinha” que ficava localizada em um quintal, o quintal da professora Sizica. O nome da professora também é citado em outros poemas no livro *Água da Fonte*, cujo título é *A professora Sizica*.

Elementos naturais preponderam este escrito, em especial o citar das estações amazônicas; inverno e verão. A construção deste poema é feita pela presença de comparações (termo comparativo), bem como encontramos em: *Borboletas revoavam, no abrir e fechar de asas, como livrinhos*. Além das metáforas que compõem o texto, como em: *Pendiam frutos do verbo pelos galhos*.

Essa memória afetiva presente no poema é de inteira vivência de Paes Loureiro. O modo no qual descreve como eram as aulas e citando a presença dos sonhos futuros de uma criança, remete ao leitor a melancolia da simplicidade dos tempos passados que o mesmo viveu. A professora que o poema revela, outra vez homenageada pelo poeta na mesma obra, alfabetizava as crianças em sua própria casa, pelo simples fato de querer educar e contribuir para o futuro dos pequenos.

### 4.3. O igarapé

O terceiro poema escolhido é intitulado *O Igarapé*. O motivo pelo qual houve a seleção deste poema, se embasa pela peculiaridade de um Igarapé. Os igarapés são, segundo Côrrea et. al (2012)

“denominação regional dada aos riachos amazônicos, são cursos d’água de pequeno porte, caracterizados pelo leito delimitado, correnteza relativamente

acentuada e baixa temperatura da água. Sua porção média e superior é quase totalmente encobertas pelo dossel da floresta ripária, e seu leito tipicamente contém acúmulo de troncos e galhos caídos.”

(CORRÊA et. al, 2012, p. 215)

Por serem característicos da região amazônica, os igarapés também estão presentes, principalmente, nas zonas rurais da cidade de Abaetetuba. Contudo, esse contato particular da cidade e desses cursos d’água criam histórias, poesias e memórias. Importante a maneira de enaltecer as peculiaridades amazônicas presentes no Baixo Tocantins, ainda mais belo quando transformado em literatura, a exemplo disso está o poema analisado.

### O IGARAPÉ

*O igarapé chega em seus confins submersos sem estrondos, com sua tímida lamúria e o leve cantar da brisa no frágil pentagrama de capins.*

*Tão diferente do mar. O mar que se exhibe sem limites a rugir imenso em sua juba azul. Orquestra coral de signos regida pela lua, pelo sol e pelas tempestades.*

*A qual dos dois Deus acolherá no colo com maior ternura, como um avô cansado com os seus netinhos?*

A estrutura de *O Igarapé* se faz em 3 (três) estrofes, as 2 (duas) primeiras estrofes contêm 3 (três) versos cada uma e a terceira e última estrofe possui 2 (dois) versos. A primeira e a segunda estrofe do poema são classificadas em tercetos, enquanto que a terceira estrofe é um dístico.

O texto literário apresenta a calma e a pequenez de um igarapé em contraposição a euforia e imensidão do mar. Por fim, os comparando a um “avô cansado com os seus netinhos”, metaforicamente expondo a grandeza do mar como um avô e a pequenez e inocência de um igarapé como de uma criança, os netinhos. Deste modo o igarapé representa a Amazônia como a calma dos rios, sem a euforia e movimento frenético das ondas de um mar.

#### 4.4. Tocantins

Um dos poemas mais representativos da obra *Água da Fonte* se chama *Tocantins*, o próprio nome é dotado de significação. O Baixo Tocantins comporta grande parte do Rio Tocantins, um dos rios que banham o município de Abaetetuba e quem tem muita influência no modo de vida ribeirinho e de toda a população abaetetubense. Os rios, de modo geral, também são responsáveis pelo movimento comercial/econômico na região do Baixo Tocantins.

## TOCANTINS

*Tocantins. Corrente rio piscoso de poesia. Leite da memória. Fonte manando mel. Sêmen de Deus. Arca dos signos. Lençol de lendas. Dorso de botos. Jorrar do lado esquerdo ferido do poema...*

*O garanhão de crinas entre cúmulos escava o poente do rio em pasto logo viçoso de estrelas. A flor noturna explode além das quilhas e velames. A noite tece um tapete de sonhos, para destecê-lo enquanto aguarda o sol.*

*Cada gesto de remar do canoeiro embaralha no rio constelações.*

O poema é composto por 3 (três) estrofes. A primeira se estrutura em 4 (quatro) versos, ou seja, é um quarteto. A segunda estrofe combina 5 (cinco) versos, tornando uma quintilha. A terceira estrofe é um dístico, pois possui apenas 2 (dois) versos.

*Tocantins* possui demasiadas metáforas. O autor faz, ao todo, oito comparações metafóricas do rio com outras características poéticas, a termo de exemplificação em: **fonte manando mel**. Outras figuras de linguagem se apresentam no poema que, de todos os analisados, é o que mais apresenta exemplo de figuras de retórica, como também a personificação da natureza: **a noite tece um tapete de sonhos**.

Sem dúvidas que este poema é um dos mais belos que contemplam o livro *Água da fonte*. Tudo se dá pelo aparato poético e pessoa que há na história do rio e da cidade e tudo o que envolve a poética dos rios da Amazônia e a história do seu povo. A importante figura do canoeiro sobressai-se em meio ao poema, pois ali percebemos a intimidade do homem e o rio; o movimento das águas. Apreendamos a ligação do rio como o nascer poético das histórias de um povo.

### 4.5. Os Artesãos de Miriti

O brinquedo de miriti é uma marca cultural na história do município de Abaetetuba. A cidade é o local de maior produção dos brinquedos feitos da palmeira da *Mauritia flexuosa*, que popularmente é conhecida como o miriti. A partir do uso da matéria-prima do miriti, como disserta Silva (2012), vai se tecendo histórias que só fazem enriquecer o imaginário local, pois

os artesãos expressam por meio do brinquedo todas as características que fazem parte da região na qual estão inseridos; bem como se expressa nos barquinhos de brinquedo feitos com o miriti.

A continuação dos ensinamentos trazidos pelo manuseio miriti transcorre por gerações, não apenas a condição de criar algo para a comercialização. São preceitos e princípios de uma história passados de pai para filhos

“Os ribeirinhos confeccionam há séculos os brinquedos de miriti. Os moradores do município de Abaetetuba comumente ensinavam e ensinam a feitura do objeto por meio da observação, ainda que este fato venha se modificando com a criação das associações de artesãos. São saberes transmitidos de pais para filhos, ao longo das gerações que são partes constitutivas da identidade cultural e histórica desses sujeitos.”

(SILVA, 2012, p.25)

Notamos a presença do ribeirinho, o caboclo e todos aqueles que estão as margens dos rios e que de lá vieram para a zona urbana afim de propagar a cultura do brinquedo de miriti.

#### *OS ARTESÃOS DE MIRITI*

*Os artesãos de miriti*

*(por exemplo, o Cambota, o Jarumã)*

*quando morrerem*

*vão retos para o céu*

*sem mesmo a curva do purgatório...*

*Eles vão rapidamente*

*preparar*

*Brinquedos de Miriti,*

*para a eterna criança que Deus é*

*e para os anjos.*

O poema acima assume uma constata presença da religiosidade que é repassada, também, por meio dos brinquedos de miriti. Além disso, a citação dos artesãos que estiveram presentes na memória do autor.

De modo estrutural, o poema é o retrato do modernismo brasileiro que teve início na segunda metade do século XX com o intuito de romper as barreiras da padronização, principalmente da poesia, exposta nas escolas literárias que antecederam esse movimento. A busca pela liberdade das formas poéticas é uma das principais características do modernismo.

Como já citado neste trabalho, o poeta Paes Loureiro faz parte desse movimento, sendo assim, o poema *Os Artesãos de Miriti* é um dos modelares que caracterizam essa afirmativa.

O poema é composto por duas estrofes, não estruturadas de maneira padrão como visto em outros poemas e até mesmo nos poemas analisados anteriormente nesta mesma pesquisa. A primeira estrofe é composta por 4 (quatro) versos, a definindo como um quarteto. A segunda estrofe se materializa em uma quintilha, com 5 (cinco) versos.

Esse texto com brandura em sua construção poética é feito para que o leitor entenda perfeitamente a mensagem ali repassada, não esbanja figuras de retórica que interfiram na compreensão do poema. Fora mencionada a presença da religiosidade no poema, de fato, o brinquedo de miriti tem relações diretas com o fervor religioso na cidade de Abaetetuba e, principalmente, com o Círio de Nossa Senhora Nazaré em Belém do Pará, muito conhecido, o momento em que há maior exposição dos simples brinquedos que encantam os romeiros e visitantes.

Vejamos, também, a afeição que o autor demonstra ao relatar a figura do artesão, eis aqui o agente principal da construção social e cultural que deriva do artesanato de miriti que, ao ver, se parece tão simples, mas carrega consigo a história de um povo.

#### **4.6. Da Colônia vinha**

O último poema escolhido para a análise sintetiza tudo o que forma a cidade de Abaetetuba. Desde a criação do distrito, em 1750 (IBGE) até os dias atuais, há a presença constante da zona rural no processo de desenvolvimento do município.

O poema intitulado *Da colônia velha* retrata muito bem o movimento comercial que sempre fora a base da economia abaetetubense, principalmente em anos remotos nos quais não existiam tantas indústrias como atualmente. No entanto, é notório a influência de tudo o que foi feito no passado que marcou gerações, de fato algumas pessoas continuam com o trabalho familiar praticado há anos e outras apenas cultivam como lembranças, seguindo caminhos diferentes.

#### *DA COLÔNIA VINHA*

*Da Colônia vinha farinha especial.*

*Da Vila de Beja vinha o pão de tapioca*

*e o beijo-de-moça que na língua dissolvía-se.*

*O açaí vinha de toda parte.*

*Das ilhas é que vinha o camarão  
e sua coorte de peixes e crustáceos.  
A pescada, em si predestinada,  
crismada de alfavaca, pimenta, sal, limão,  
vinha do Jarumã  
e assava no braseiro.  
Cada coisa tinha a sua origem.  
O melhor café, por exemplo, a qualquer hora  
Lá no Guilherme da Ponte se tomava.  
O futuro vinha de Belém.  
Mas o tempo de sempre era nas ilhas.*

Estruturalmente o texto acima é composto apenas por uma estrofe combinada de 15 (quinze) versos, a tornando uma estrofe irregular. Não há a presença de figuras de retórica, o texto é objetivo e de fácil entendimento. *Da colônia vinha* é o retrato de Abaetetuba. As Colônias são comunidades que estão situadas na zona rural da cidade, nas estradas, são dessas comunidades que saem a maior produção da famosa farinha de mandioca que não pode faltar na mesa dos abaetetubenses, geralmente acompanhando o açaí.

A Vila de Beja é um dos distritos que compõe a cidade, o outro distrito é a própria Abaetetuba. As comunidades da Vila de Beja produziam em larga escala o pão de tapioca, também derivado da mandioca, matéria-prima para a produção da farinha. Pão bastante conhecido regionalmente que remete ao sabor do passado. Mesmo não mais encontrado com tanta frequência pelos pontos da cidade, ainda é lembrado. O beijo-de-moça é um doce regional que também é uma marca na culinária abaetetubense. Ambos vindo de Beja, com histórias de pequenos produtores que, talvez, não ousassem imaginar a contribuição na vida de pessoas.

Finalmente o açaí. O fruto mais conhecido do estado do Pará, que gera renda a tantas famílias e proporciona tantas alegrias. Marco da história desse Baixo Tocantins tão rico. “Vinha de toda parte”, Abaetetuba tão generosa em proporcionar o cultivo do açaí até mesmo nos quintais das casas na cidade. O açaí é passado, presente e o futuro. Esse, sem dúvidas, é uma das melhores lembranças que ficam com aqueles que de Abaetetuba saem.

Os rios proporcionam vasta variedade de pescados, uma cidade às margens de um rio com certeza seria detentora de um dos maiores polos pesqueiros do estado, segundo dados da prefeitura municipal. Fora assim desde o começo e assim é no contiguo presente. Os peixes que

só tinham o gosto de Abaetetuba quando emaranhados a tantos temperos naturais que vinham do Jarumã, comunidade da zona rural da cidade.

Guilherme da Ponte é o local que, para o autor em sua memória, se tomava o melhor café da cidade. Figura conhecida pelos antigos moradores de Abaetetuba, presente na memória de quem vivenciou aquela época.

E o futuro. O futuro é relatado no poema como o seguir caminhos para a capital. Belém ao longe, bem mais desenvolvida que a pequena Abaetetuba, muito mais estruturada para receber os jovens cheios de sonhos, entusiasmados com as novidades que só haviam na capital do estado. Realmente, embora a Abaetetuba hodierna esteja se expandindo, continua a ser uma cidadezinha ribeirinha que não suporta sonhos tão grandes, sonhos esses que são dignos de uma cidade grande como Belém.

O município já não tão quieto como antigamente. As muitas bicicletas agora estão sendo substituídas pelas motos e o crescimento gera modificações. Porém, há a saudade daquilo que era e aos que alçam voos mais longos, há saudade daquilo que é. Um espaço especial para as ilhas, a qual o autor relata com tanto carinho no último verso do poema. “O tempo de sempre” no lugar em que o tempo para que possamos contemplar quão bela é a Amazônia e contemplar tudo o que ela nos proporciona. O tempo da natureza, o tempo efêmero que é capaz de ser parado para a apreciação de um bem comum que precisa ser preservado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa se concretizou na análise do livro *Água da fonte* do poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro, concluindo por meio desse estudo a exposição das características que remetem ao imaginário popular amazônico e as representações orais do Baixo Tocantins em seus mitos e lendas, em meio aos escritos contidos no livro. Por se tratar de uma obra com ambientação regional que foi inspirada na cidade natal do poeta, nota-se a estima cultural presente no trabalho de Paes Loureiro que motivou em particular a escolha da obra referência da análise.

Ao ser levado em consideração a carência de estudos sobre a literatura regional durante o curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa, ainda que expostos ao ambiente literário, dispondo de uma gama de autores que possuem muitos trabalhos válidos e voltados para a literatura de expressão amazônica surgiu a anseio do aprofundamento nos estudos regionais direcionados para a Amazônia. Afim de oferecer devida continuidade à pesquisa e torná-la ainda mais próxima de nossa realidade, a escolha do poeta Paes Loureiro se deu pelo fato do autor ter nascido na cidade de Abaetetuba e a homenageado neste trabalho em específico. Portanto, sua obra intitulada *Água da Fonte* fora a escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho de conclusão de curso.

No decorrer dos tempos desta produção textual, surgiram muitos questionamentos acerca da presença do imaginário na obra, sob a hipótese de que o poeta conseguiu repassar por meio dos seus poemas, imagens e símbolos que remetem a essa região tocantina contribuindo nesse sentido para uma hermenêutica de uma Amazônia ribeirinha, o que foi respondido de forma clara e evidente. Sim, a obra *Água da fonte* contempla a poética do imaginário amazônico e as memórias afetivas guardadas nos poemas do livro representam de fato a cultura do território e do povo amazônico, em especial da cidade de Abaetetuba e todos os abaetetubenses que são parte da história deste lugar rodeado de encantarias e cultura.

Neste sentido, a obra descreve uma Amazônia, para a qual suas vozes remetem a rios, matas, encantados e memórias que brotam das (fontes) margens do imaginário e seus ecos nos modos de vida e saberes da região. A linguagem poética dos rios se sobressai em meio aos mitos e lendas, que são a essência do imaginário, esses rios que representam este espaço e que muito têm a dizer sobre este espaço tão plural em termos naturais e artísticos.

Levando-nos a concluir que a literatura de expressão amazônica possui demasiada ligação com o território, entendendo este como a paisagem natural e social em sua dinâmica

histórica, dando elementos que configuram a cultura local. A arte literária, que tomou espaço desde os tempos de colonização lusitana e perdura até hoje, vem sendo ampliado para visões mais inclusivas que expressam a diversidade da fala e modos de vida dos seus habitantes. Ainda que o alcance do público leitor não seja tão grande quanto o desejado, essa literatura expressa uma oralidade capaz de enriquecer os conteúdos literários diversos, resguardando sua singularidade dentro da universidade.

A difusão artística na Amazônia através de sua poética, não está presente por acaso, um lugar tão exuberante e com um imaginário popular tão vasto, precisa ser revelado para o mundo todo, pois é desta Amazônia dos mitos, lendas e de uma diversidade cultural em uma só cultura que a literatura sobrevive nesta região. Os resultados desta pesquisa expuseram o quão importante o imaginário amazônico é para a literatura brasileira e o como podemos nos atentar aos trabalhos de seus autores, muitos dos quais como Paes Loureiro que nasceram neste chão. O me debruçar sobre a história deste autor e saber das suas contribuições para o estado do Pará e seu desenvolvimento artístico e cultural, me fez compreender um pouco de como muito ainda precisa ser refletido acerca de nossa produção literária e de seu alcance num universo maior de leitores.

Por consequência dessa vivência enquanto leitora e habitante deste lugar, a ideia da pesquisa se baseou principalmente nas experiências de não encontrar na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, disciplinas no próprio curso de Letras específicas para os estudos da literatura não apenas em restrição ao Baixo Tocantins, mas à Amazônia em geral, visto que perpassamos pela literatura de expressão amazônicas apenas pelo contato de autores da região em relação aos trabalhos que nos direcionavam a literatura brasileira como um todo. Todas essas ocasiões levaram-me a inquietação e, de certa forma, a obrigação de fazer um trabalho sobre a literatura que é produzida e que fala sobre a Amazônia.

Analisar uma obra como *Água da Fonte* é muito especial. Nossos olhares sobre tudo o que nos cerca é muito restrito a nós mesmos; são interpretações particulares e pontos de vistas diferentes. A Abaetetuba descrita na obra de Paes Loureiro existe na memória do escritor e foi eternizada em poemas delicados e belíssimos, os quais repassam ao leitor a afetuosidade do poeta para com o lugar que ali delineia. Em tempos hodiernos que presenciamos, tudo está diferente e cada um guarda em sua memória o momento presente em que os laços afetivos se amarram a esta cidade. Não há como fugir das comparações do passado e presente, mas as histórias seguem com a importante presença dos fatos contados sobre um povo e sua cultura.

Em suma, portanto, o percorrer pela discussão do fazer literário na Amazônia trouxe o que, de fato, é a literatura nesta região. Em que esferas podemos chegar com a propagação dessa arte? A literatura é universal, o regionalismo faz parte da literatura, as expressões literárias amazônicas são parte desse regionalismo. O que nos encaminha e nos faz envolver nas peculiaridades do Baixo Tocantins? A Amazônia é história, cultura, imaginário, poesia. Lugar composto por tantos outros lugares que assim como a cidade de Abaetetuba são contribuintes para a “diversidade diversa” que é esta região, como cita o próprio autor Paes Loureiro, cercada de poesia e encantos que envolvem aqueles a ela conectados.

Partindo de todo o aparato teórico até que, enfim, conseguimos chegar àquela que é uma das mais bonitas obras poéticas de Paes Loureiro; *Água da fonte*. O modo conciso e poético deste livro nos faz adentrar as memórias do autor e buscar entender a importância de todo o ambiente retratado nos singelos poemas. O modo que a obra é perfeitamente escrita é um importante recurso para o modo como ela consegue envolver o leitor. As palavras parecem ganhar movimento como os rios, tão bem representados ali. A estética visual dos poemas são traços que submergem no leitor a vontade de participar do texto.

Tão importante e representativa se faz a literatura de expressão amazônica como a literatura que percorre a Amazônia, o Brasil e o mundo todo. É necessário manter sempre o apoio aos escritores locais – e todos os artistas amazônicos – mas continuar mantendo o legado deixado por todos aqueles que participaram ativamente do começo da exposição literária advinda da Amazônia, quando os olhos não estavam tão voltados para essa região como está nos dias atuais, mesmo que ainda não alcance um patamar merecido na própria literatura brasileira, uma vez que essa literatura se faça representada em maior escala pela literatura produzida no Sul e Sudeste (principalmente) do país.

A literatura de expressão amazônica se concretiza em um ato de resistência em meio a literatura regional que muitos associam somente a literatura nordestina, é resistente às preferências literárias estrangeiras de leitores brasileiros, o que é totalmente normal visto a universalização da literatura. E mesmo com tantos percalços, encontramos demasiadas conquistas nesse caminho. Desse modo, de maneira contínua e formidável Paes Loureiro segue atendo mundo a fora a arte deste lugar, artista capaz de contemplar as maravilhas do espaço por meio da poesia.

## REFERÊNCIAS

AIRES, Romário. Literatura brasileira de expressão amazônica: perspectivas e concepções. **Letras Escreve**, Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007.

ARAÚJO, Humberto. A tradição Do Regionalismo na Literatura Brasileira: do Pitoresco à Realização Inventiva. **REVISTA LETRAS**, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008. Editora UFPR.

ARAÚJO, Jorge. **Pentacantos de Paes Loureiro: Um discurso lírico com ressonância clássica**. UNAMA - Universidade da Amazônia, Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura – Turma 4 – 2011. Belém, 2013.

ARAÚJO, Maria. **As origens do mito e suas manifestações profanas na sociedade contemporânea**. São Paulo: Kalíope, ano 7, n. 13, p. 21 – 40, jan./jul., 2011.

BEZERRA, José Denis. **Literatura amazônica: para quê?** UFPA, Belém.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CHKLÓVSKI, Victor. A arte como procedimento. *In*: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

CORRÊA, Jean; GERHARD, Pedro; FIGUEIREDO, Ricardo. Ictiofauna de igarapés de pequenas bacias de drenagem em área agrícola do Nordeste Paraense, Amazônia Oriental. **Ambi-Água**, Taubaté, v. 7, n. 2, p. 214-230, 2012.

Disponível em: <https://www.abaetetuba.pa.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 20 nov. 2019

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=31623&view=detalhes>. Acesso em: 20 nov. 2018

Disponível em: <https://paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro/>. Acesso em 27 nov. 2019

Disponível em: <https://www.travessa.com.br/agua-da-fonte/artigo/2bd4776e-c18b-41f5-9acd-b116bd718aa9>. Acesso em 27 nov. 2019

FERNANDES, José. Literatura brasileira de expressão amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura amazônica? **Graphos** – Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, Vol. 6., N. 2/1, 2004 – p. 111-116.

GOMES, Jones. Abaetetubas. **REVISTA PZZ**. 18. ed. Belém, 2014.

GOMES, Jones. Girândolas: Escola e Literatura nas margens ribeirinhas de Abaetetuba. **MARGENS - Revista Interdisciplinar**, VOL.10. N. 15. Dez 2016. (p. 115-132)

GUADAGNIN, Marcelo. **O regionalismo na literatura brasileira: diagnóstico de Antônio Cândido**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

IANNI, Octavio. Lendas do mundo novo. *In*: LOUREIRO, Paes (Org.). **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

LEITE, Daniel. **Girândolas**. Belém, 2ª Edição: tempo Editora, 2013

LOBATO, Nazaré. **Kamaig: a linguagem dos rios**. Belém: IOE, 1996

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008. – (Coleção ensaios transversais; 36).

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A Etnocenologia Poética do Mito. **ENSAIO GERAL**, Belém, v1, n.2, jul./dez. 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Água da Fonte**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma diversidade diversa**. Belém, Série Aula Magna/UFPA, nº2, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MACHADO, Jorge. **Mater Puríssima: histórias da festa de Conceição em Abaeté do Tocantins**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 2014.

MARTINS, Benedita. **Imagens da Amazônia: olhares interculturais**. Belo Horizonte, v. 9, p. 41 – 50, dez. 2005.

MASCARENHAS, Denise. **A literatura como forma de registro da cultura popular brasileira: cantorias, crenças e aforismo em Grande Sertão: Veredas**. Disponível em: [https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Denise\\_dos\\_Anjos\\_Mascarenha.pdf](https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Denise_dos_Anjos_Mascarenha.pdf). Acesso em: 04 nov. 2019

MONFARDINI, Adriana. O mito e a literatura. **TERRA ROXA E OUTRAS TERRAS – REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, Volume 5 (2005), p. 50-61. ISSN 1678-2054.

OLIVEIRA, José Coutinho. **Imaginário Amazônico**. 1. ed. Editora Paka-Tatu, 2007.

OLIVEIRA, José Coutinho. **Lendas Amazônicas**. 1916.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins. Breve panorama do Modernismo no Brasil – revisitando Mário e Oswald de Andrade. **Revista de Literatura, História e Memória**. UNIOESTE / CASCAVEL, VOL. 8 - Nº 11 – 2012, p. 82 – 95.

PELINSER, André. Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo. **ANTARES**, nº4 – jul./dez. 2010.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PINTO, Marilina. **A Amazônia e o imaginário das águas**. Disponível em: [http://www.ppgsocio.ufam.edu.br/attachments/038\\_A%20Amaz%C3%B4nia%20e%20o%20imagin%C3%A1rio%20das%20%C3%A1guas.pdf](http://www.ppgsocio.ufam.edu.br/attachments/038_A%20Amaz%C3%B4nia%20e%20o%20imagin%C3%A1rio%20das%20%C3%A1guas.pdf). Acesso em 07.08.2019

QUARESMA, Maria do Monte Serrat. **A mãe da Teimosia: o desejo de ser**. 2. ed. Belém, 2012.

RODRIGUES, Neuza. O Artesão de Sonhos. *In: Contistas da Amazônia: IX Concurso de contos da Região Norte*. Belém: Editora Universitária, 2002.

RODRIGUES, Suellen; LEÃO, Andreza; PEREZ, Márcia. As contribuições do brinquedo de miriti na construção sóciohistórico cultural da criança: “artefato cultural”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.2, p. 308-320, jul./dez. 2017.

SALES, Germana; SILVA, Alan. **Os escritores da Amazônia do século XIX para além das histórias literárias**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i43.958>. Acesso em: 19 nov. 2019

SILVA, Alan Victor. Discussões sobre a literatura paraense ou amazônica em periódicos belenenses oitocentistas. *In*: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Macapá, v. 8, n. 1, 1º sem., 2018.

SILVA, Claudete do Socorro Quaresma da. **Brinquedos de miriti: educação, identidade e saberes cotidianos**. Belém, 2012.

SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDBERGER, Christophe. **Abaetetuba conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995. – (Série Pará Conta; 3).

SIMÕES, Maria do Socorro. **Narrativas da Amazônia Paraense**. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/gelne/article/download>. Acesso em: 07 nov. 2019

SOUZA, Enivalda; RIBEIRO, Maria. Poesia, mito e natureza em Cantares amazônicos, de Paes Loureiro. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 365-386, 2017.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia, ou Literatura Amazônica? **REVISTA SENTIDOS DA CULTURA**, Belém, v1, n.2, jul./dez, 2014.

TEIXEIRA, Neiza. Para um pensar outro, a poética do imaginário. *In*: LOUREIRO, Paes (Org.). **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. **ESTUDOS AVANÇADOS** 19 (53), 2005.